

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_37_13](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_37_13)

ISSN: 0084-9189

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

EPIGRAPHICA DILAPIDATA, Scritti scelti di Giancarlo SUSINI. N°15 da Coleção Epigrafia e Antichità, dirigida por Angela Donati. Fratelli Lega Editori, Faenza, 1997. 548 p.

Giancarlo SUSINI, *Bibliografia sino al 1997*, a cura di Daniela Rigato, N° 16 da mesma colecção. Faenza, 1997. 126 p.

Constituem os dois volumes, cada um à sua maneira, a necessária e muito oportuna homenagem a um dos vultos maiores dos estudos epigráficos latinos e, inclusive, da investigação em História Antiga.

É que, para além do seu magistério na Universidade de Bolonha, Giancarlo Susini logrou, ao longo destes últimos trinta anos, suscitar, por toda a parte, com os seus escritos e com o seu testemunho, um inexcédível interesse pela mensagem epigráfica no seu conjunto.

De facto, se, antes dele, o monumento epigráfico era, sobretudo, encarado como o suporte - quiçá desinteressante - de um texto a ler, foi o Prof. Susini quem, designadamente com a obra *Il Lapicida Romano* (Bolonha, 1966), chamou a atenção para esse todo, em que há voluntária intervenção do Homem, com mensagem para transmitir desde o momento em que pensa em mandar lavrar uma inscrição. Ou seja, ao epigrafista-historiador interessa não só o resultado final mas todas as fases de execução do monumento, a partir, inclusive, da sua extracção numa pedra.

A sua definição de Epigrafia, “a ciência histórica do modo como certas ideias foram seleccionadas a fim de serem apresentadas para informação pública e permanente” (p. 69), constitui, sem dúvida, a sùmula do seu pensamento neste domínio. Depois de obtido e de escolhido o suporte, há todo um conjunto de operações intencionalmente planeadas para que a mensagem passe e perdure. E foi Giancarlo Susini que, insistentemente, soube acentuar essa intencionalidade, que muito depende dos aspectos técnicos da preparação do monumento nas oficinas lapidárias, estudo a que sobremaneira se tem dedicado.

Recordaria, a propósito, um trabalho breve mas deveras sintomático, que ocupa as páginas 157-172, com o título “Comptare per via” acrescido dum subtítulo eloquente: “Antropologia del lettore antico: meglio, del lettore romano”. Que o texto é (repete-se) pensado para ser lido, à medida do Homem, à medida, inclusive, do tempo de que ele dispõe. Não admira, por isso, que os miliários sejam cilíndricos, para que a leitura se faça em movimento; não cause estranheza a diferença de módulos dos caracteres e o cuidado posto na sua paginação - porque houve uma “paginação epigráfica das ideologias romanas” (p. 172) e nada, ali, foi alguma vez deixado ao acaso, pois é a eternidade que sempre se almeja (“*Concetto e tecnica del tempo nelle iscrizioni romane*”, *ibidem*, p. 173-184): “A inscrição - afirma Susini nesse artigo (p. 174) - é o instrumento escrito da vontade de sobrevivência dos homens no tempo”.

Resultado duma ideia transposta para uma linguagem sintética, linguagem que é, em si mesma, o fruto de uma cultura (“Fabbrica del pensiero, grammatica della memoria”, *ibidem*, p. 199-205) - a epigrafe romana é fonte cada vez mais imprescindível para a investigação em História Antiga. E ao prof. Giancarlo Susini cabe, nesse reconhecimento, um papel deveras singular.

Concebido como homenagem por ocasião do seu 70º aniversário, reúne o volume citado em primeiro lugar os “ensaios em que prevalece o interesse pela comunicação epigráfica, acentuado pelos métodos inovadores introduzidos precisamente pelo autor, desde as suas primeiras publicações”, como escreve Angela Donati na apresentação. São, ao todo, 47 ensaios, dispersos pelas mais variadas publicações, devidamente citadas no início de cada um.

Reimprime-se, pois, o já referido *II Lapidaria Romano* (p. 7-69), um texto primordial que há muito estava esgotado (o livro começa, aliás, por aí) e juntam-se, numa primeira parte, os textos de índole genérica ou que, a partir de circunstâncias concretas, possibilitaram o desenvolvimento de uma teorização. Uma segunda parte foca, de modo particular, a problemática das oficinas epigráficas (p. 207-378), para, numa terceira parte (digamos assim), se apresentarem breves reflexões a partir de casos específicos, numa panorâmica vasta e utilíssima, que abarca, afinal, todos os tipos de inscrições.

Anote-se a grande qualidade das fotografias que oportunamente ilustram cada um dos textos, como, de resto, aconteceu nas suas versões originais.

A segunda obra referida é, como o título indica, uma bibliografia, com as funções que uma bibliografia detém, enquanto memória, enquanto testemunho. Será, talvez, uma bibliografia diferente. E explico porquê.

Se a minha interpretação não é errada, até há poucos anos atrás - não mais de uma dezena, se calhar - o docente universitário, mormente se catedrático, andava (salvo raras e honrosas exceções) envolto numa auréola, como que encerrado em torre de marfim. Os seus escritos - sempre em revistas da especialidade - eram poucos, eruditos, pães de uma sapiência oculta ao comum dos mortais... Felizmente, a ora chamada “imprensa cultural” e a possibilidade cada vez maior de intervenção em debates e programas televisivos e radiofónicos, tem quebrado a barreira e, hoje, o professor universitário surge amiúde, interveniente, na Comunicação Social. Nesse sentido, também não foi sem surpresa que, no Colóquio sobre o Abade de Baçal (Bragança, 14-11-1997), ouvi o Prof. Doutor Pais de Brito sublinhar o quanto seria importante reunir em colectânea os textos do Abade dispersos por jornais e por revistas, textos onde se patenteia uma outra face do investigador: a sua ligação à realidade, ao quotidiano das gentes...

Vêm estas considerações a propósito, justamente, do conteúdo da bibliografia do Prof. Giancarlo Susini, que, para além das suas contribuições nos domínios científicos que lhe têm sido particularmente queridos - a epigrafia e as formas de comunicação antiga, a história antiga das nossas cidades e de algumas regiões, o processo de aculturação

nas províncias romanas, os problemas e os modos de agir das periferias, a história de Aníbal, a investigação no Egeu e nas regiões *do limes* danubiano, a “ciência dos bens culturais”, para usarmos palavras suas inseridas no começo do volume -, para além de tudo isso, que é do foro científico propriamente dito (ao todo, 943 títulos, desde 1950 a 30 de Junho de 1997), foram também arroladas, numa segunda secção, igualmente ano a ano, embora sem numeração, o que poderíamos designar de “vária”: “textos de informação alargada (imprensa quotidiana; rádio e televisão; notas sobre temática diversa) e escritos noticiosos” (Daniela Rigato).

Um relance ao acaso, pela p. 85 (por exemplo) relativa a 1988, oferece-nos títulos como “Fome de pedras”, “Os Fenícios na Universidade”, “O Danúbio sepultado”, “*Homo manager* por Augusto” (sobre o bimilenário de Agripa), “E no vale emergirá um museu”... que nos mostram não só a variedade temática abordada como o contorno poético (ou simplesmente literário, se se preferir) que Giancarlo Susini sabe emprestar aos seus escritos. Veja-se, no que respeita a Portugal, o que escreveu, em Fevereiro de 1994, a propósito de Lisboa, Capital da Cultura, texto que tive o prazer de traduzir para *Tempo Livre* (n.º 45, Nov.º 1994, 88-89).

É, em suma, o epigrafista, o historiador da Antiguidade Clássica que sabe quanto se toma necessário sermos actuais, intervenientes, para melhor podermos compreender e investigar sobre os fenómenos dessa mesma Antiguidade - que não estarão, afinal, tão distantes assim do nosso movimentado dia-a-dia.

Congratulamo-nos, pois, vivamente com a iniciativa e formulamos votos para que o Mestre continue a brindar-nos, ainda por muitos anos, com a sua sabedoria.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO